

TRABALHO CONV. ORDINÁRIA

Trabalho: *A Heterogeneidade como um Desafio na Educação*

Nomes e sobrenome (s): José Ngola Carlos, Júlia Ferreira de Freitas Filha e Fernando Alves da Silva

Código: FP103

Curso: Mestrado em Educação

Grupo: 2022-06JCarlosJFerreiraFSilvaFEEDAD

Data: 29 de abril de 2023

Índice

1. Introdução	6
2. Metodologia	7
3. Noção de NEE	8
4. Educação integrativa	9
5. Educação inclusiva	10
6. Métodos/estratégias de ensino e aprendizagem na EE	11
7. Tipos de NEE	12
8. Descrição do caso com NEE	13
9. Projeção do processo de treinamento	14
10. Conclusão	15
11. Referências bibliográficas	16

1. Introdução

Este trabalho foi realizado em resposta à convocatória ordinária da disciplina FP103 – Fundamentos da Educação Especial: Processos de Atenção à Diversidade.

O trabalho apresenta sumariamente os conceitos ligados a necessidade educativa especial. Dos quais se destaca: a noção de necessidades educativas especiais, os tipos de necessidades educativas especiais, a diferença existente entre integração e inclusão, bem como o seu contexto de aparecimento mundial e as estratégias de ensino e aprendizagem aceitáveis na educação especial.

Na parte final deste trabalho, apresenta-se em detalhes um caso de necessidade educativa especial que envolve um homem com a Síndrome de Down e seguidamente é desenhado e apresentado um plano educativo personalizado que atende as necessidades educativas deste homem no período correspondente a 3 meses.

2. Metodologia

Etimologicamente a palavra metodologia vem do Latim “methodus” para significar “maneiras de ir ou maneiras de ensinar”. Já no Grego, diz-se “methodos” que significa originalmente “perseguição ou ato de ir atrás”.

Tendo estes dois argumentos em consideração, fica fácil discernir o sentido que a palavra metodologia poderá assumir em diferentes contextos. Para o nosso caso em particular, vamos submeter a palavra a uma cirurgia de maneiras a melhor entendermos o modo como ela se empregou neste trabalho.

A palavra metodologia pode ser dividida em duas partes, partes estas que, ao mesmo tempo que a dividem, também a constituem epistemologicamente. São elas “Metodo” e “Logia”. O primeiro elemento “Metodo” descreve o meio ou caminho utilizado para se chegar a um fim. Já o segundo elemento, “logia” é a referência ao estudo detalhado de alguma coisa.

Em síntese, metodologia é a descrição do caminho ou caminhos utilizados durante uma pesquisa ou estudo visando a compreensão de um determinado assunto.

Este trabalho, que é essencialmente qualitativo científico expositivo, baseia-se principalmente na revisão da literatura disponível no campo da educação referente aos conceitos, métodos, tipos e características das necessidades educativas especiais.

Depois de recebida a tarefa de elaborar um trabalho que apresentasse uma proposta para o processo de formação de um aluno com necessidades educativas especiais, procuramos diligentemente seguir o roteiro sugerido que envolvia 3 atividades. Das quais, a primeira envolvia selecionar um caso que relatasse a participação de uma pessoa com uma deficiência que remete a necessidade educativa especial.

A segunda consistia em elaborar a estratégia de estudo do caso que implicou nas seguintes ações: a determinação do objetivo de estudo do caso, a determinação do tipo de informação a ser coletada, bem como a seleção dos informantes para o estudo do caso escolhido.

A terceira atividade, contudo, se consubstanciou na materialização dos dois passos anteriores e que agora aparecem na forma deste trabalho redigido.

3. Noção de NEE

NEE é a designação que se dá a concepção de Necessidades Educativas Especiais.

É desde os tempos idos que a criança com necessidades educativas especiais tem sido discriminada, destrutada e desconsiderada pela sociedade em que se encontra inserida. Relata-se que na idade média, muitas foram abandonadas em montanhas, jogadas em rios, entendidas como a imagem do diabo, feiticeiras, bruxas, e então, perseguidas, julgadas e executadas. Estes seres humanos, com o tempo, passaram pelos períodos de exclusão à segregação, da segregação à transição, da transição à integração ou inclusão (Correia, 2013).

Só no século XIX, com a iniciativa de Itard, considerado pai da Educação Especial, é que começou a haver tentativas de recuperação e remodelagem dos que se encontravam com necessidades educativas especiais. Por exemplo, foi na França, nos bosques de Aveyron, que Itard encontrou um menino de nome Victor e decidiu ajudá-lo, criando um programa específico para tratar da sua necessidade educativa especial e só mais tarde no século XX, é que começaram a surgir iniciativas para construção de escolas especiais (Correia, 2013).

No século XXI podia se pensar que as pessoas com necessidades educativas especiais já não fossem estigmatizadas ou ridicularizadas, mas faz o nosso espanto que as rotulagens a estes ainda continuam. Não raro, as pessoas com necessidades educativas especiais são tidas como atrasadas, lentas, malcomportadas ou deficientes.

São de necessidades educativas especiais as pessoas com atraso mental, surdez, cegueira, disfunção motora, saúde fraca, problemas na fala, pessoas em risco educacional, pessoas acometidas por traumas, autistas e superdotadas (Correia, 2013).

Como se pode perceber do exposto acima, uma pessoa com necessidades educativas especiais não é absolutamente aquela que não aprende, ela poderá apresentar déficits intelectuais, dificuldades no que respeita a concentração, compreensão, retenção ou assimilação, mas ela definitivamente não é ineducável.

O autor do livro “A inclusão escolar de alunos com dificuldades de aprendizagem” apela a necessidade da valorização da multiplicidade, complexidade e heterogeneidade que caracteriza o ser humano e sublinha que, neste processo de reconhecimento e aceitação, a aquisição do conhecimento e do entendimento desempenha um papel fundamental para se vencer os sentimentos discriminatórios que acompanham as nossas ações diante das pessoas com dificuldades de aprendizagem (Sousa, 2013).

4. Educação integrativa

A palavra integração deriva do verbo integrar que dentre vários significados pode ser entendida como o ato que consiste em completar, tornar inteiro ou cabal, dar ou entregar o que falta, implementar ou inserir.

Assim, poderá se considerar a educação integrativa como sendo aquela educação que, ao meio a uma necessidade identificada, que é a de exclusão de determinadas pessoas do sistema educativo normal e que são separadas para um sistema de educação, que de certa forma aparta e discrimina, isto é, as escolas especiais, se propõe ou aspira completar o sistema educativo dito normal com as pessoas com necessidades educativas especiais.

É, certamente, no desejo de justiça e equidade no sistema de ensino que surge a educação integrativa visando inserir, até então, os excluídos no sistema de ensino normal ou regular.

Conforme nos conta Sanches e Teodoro (2006), foi em meados do século XX (anos 60), com origem na Europa, nos países nórdicos, que aposta-se na escolarização das crianças em situação de deficiência sensorial no sistema regular de ensino, iniciando-se, assim, o movimento da integração escolar. Os países que aderiram a este movimento colocaram as suas crianças e jovens em situação de deficiência nas classes regulares, acompanhados por professores de ensino especial, previamente formados para isso.

Conforme todo e qualquer sistema, a educação integrativa apresenta características que lhe são próprias e que a distingue de outros sistemas existentes. Sanches & Teodoro (2006), em um artigo que se debruça sobre as noções de integração e inclusão, sintetizam os elementos que demarcam a integração da inclusão. São eles:

- A homogeneidade como critério determinante na atuação e visão do professor sobre os alunos.
- O estrito apego à normalização.
- O isolamento ou a aventura solitária por parte dos alunos com dificuldades.
- A diferença como um problema de ensino e aprendizagem.
- O currículo único e inflexível.
- A educação especial apenas para os alunos especiais.
- O professor como mero consumidor e aplicador
- A existência de um programa específico para o aluno com dificuldades.

5. Educação inclusiva

A educação inclusiva surge no âmbito do desenvolvimento e aperfeiçoamento da educação integrativa com o fim de melhor atender e satisfazer a necessidade e direito humano de igualdade, respeito e justiça social.

A educação inclusiva é um novo paradigma de educação que se inicia na metade dos anos 90, antecedido do paradigma da educação integrativa. A experiência adquirida com a integração escolar e toda a reflexão que a mesma gerou sobre a escola que exclui uma parte considerável dos seus alunos, não somente os que se encontram em situação de deficiência, ajudou a desencadear o movimento da inclusão que pretende promover o sucesso pessoal e académico de todos os alunos, numa escola inclusiva (Sanches e Teodoro, 2006).

A escola contemporânea ou inclusiva representa a escola que melhor supre as necessidades educativas e humanas para o XXI, uma vez que ela assenta no princípio de que a escola deverá ser um espaço para todos os seres humanos, sem exceção, e deverá ser simultaneamente um lugar para cada ser humano que nela estiver. Pelo que, mais do que somente estar presente, faz-se relevante a participação significativa na vida social, académica, cultural e emocional da escola regular (Sousa, 2013).

A escola contemporânea é uma escola inclusiva, é uma escola integradora, é uma escola multicultural e é uma escola de massas.

Infelizmente, ainda não entendemos a verdadeira mensagem por detrás da noção de integração e inclusão, que mais do que somente permitir que estas pessoas tenham lugar nas carteiras das escolas, envolve também serem devidamente assistidas de modos a que nelas também se consolide o compromisso ético da escola que é preparar todos os integrantes da escola para assumir responsabilidades no futuro (Sousa, 2013).

São características de uma educação inclusiva os seguintes elementos norteadores:

- O respeito à diversidade.
- A valorização da cooperação.
- A presença de um currículo flexível.
- A pretensão ao sucesso para todos.
- A elaboração de estratégias educativas para a classe ou turma.
- A existência de professores criativos, experimentadores e reflexivos.
- A poio para aprendizagem de todos os alunos pertencentes à classe. (Sanches e Teodoro, 2006).

6. Métodos/estratégias de ensino e aprendizagem na EE

A abreviação EE designa e representa conceitualmente a expressão educação especial.

No processo de ensino e aprendizagem, torna-se imprescindível a presença e utilização eficiente e eficaz de métodos ou estratégias que, de certo modo, se consubstanciam num dos elementos primordiais do interesse do professor e aluno para que o ensino e a aprendizagem ocorram efetivamente. Dito de outro modo, não há, seguramente, ensino e aprendizagem na ausência de métodos ou estratégias didáticas.

O professor ou educador de hoje é chamado para a necessidade do aprender constante e contínuo, em face das situações complexas com as quais se depara todos os anos e todo ano, bem como as exigências de qualidade da sua prática educativa. Apela-se a este o cultivo da habilidade e disposição do aprender a aprender, habilidade fundamental para o bem fazer didático-pedagógico. Assim, são competências educativas chave e necessárias a todos os professores: saber diagnosticar, poder analisar os resultados dos diagnósticos, ser capaz de planejar estratégias de atuação e poder dar respostas que resolvam os problemas encontrados durante o período de diagnóstico.

De modos a melhor atender os que têm necessidades educativas especiais, Correia (2013) sugere aos professores dois métodos preferenciais de atuação: o ensino cooperativo e a tutoria de pares.

Somos igualmente lembrados de que o ensino efetivo e que resulta em verdadeira aprendizagem no caso daqueles que têm necessidades educativas especiais faz-se com a criação de um Programa/plano Educativo Personalizado/individualizado (PEP/PEI) que atenda às suas necessidades e que esteja à altura das suas habilidades e competências (Correia, 2013).

Ainda no que respeita os métodos/estratégias de ensino e aprendizagem na EE, Educação Especial, Ngangula Miguel de Sousa (2013) sugere a necessidade de que os intervenientes no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais conheçam e dominem os interesses e necessidades dos alunos, que se mantenha uma relação próxima baseada na confiança mútua, que se adéquem as atividades aos interesses dos alunos, estabelecer rotinas, elaborar trabalhos curtos, enfatizar o retorno positivo, manter a comunicação, cooperação, impulsionar o trabalho em grupo e fazer bom uso da tecnologia que desperte o interesse do aluno com dificuldades educativas especiais.

7. Tipos de NEE

O autor do livro “Necessidades Educativas Especiais”, Luís de Miranda Correia, define educação especial como sendo o conjunto de recursos especializados que se constituem como condição fundamental para uma boa prestação de serviços educativos para os alunos com necessidades educativas especiais (Correia, 2013).

Desta definição, é possível compreender que a educação especial faz-se especial pelo fato de ela ser multidisciplinar. Nela chamam-se à atuação o psicólogo, o terapeuta, o médico, o pedagogo etc., para, nesta união de saberes e esforços, darem as melhores respostas as carências das pessoas com necessidades educativas especiais.

De acordo com Correia (2013), as necessidades educativas especiais são classificadas em duas categorias:

- Necessidade educativa especial significativa ou severa e
- Necessidade educativa especial ligeira.

A diferença entre as duas resulta do fato de que as necessidades educativas especiais significativas ou severas requerem para as pessoas por ela acometidas um plano/programa curricular separado e personalizado, diferente e que atenda às suas necessidades e condiga com as suas habilidades e interesses. Já quanto às necessidades educativas especiais ligeiras requerem apenas pequenas modificações no plano/programa curricular em adequação as necessidades e habilidades da pessoa com necessidades educativas especiais.

Conforme já mencionado acima, são consideradas como sendo de necessidades educativas especiais as pessoas com atraso mental, surdez, cegueira, disfunção motora, saúde fraca, problemas na fala, pessoas em risco educacional, pessoas acometidas por traumas, autistas e superdotadas.

Muito tem se discutido sobre a quem cabe a avaliação das pessoas com necessidades educativas especiais na escola, uma vez que a noção de educação especial reclama a participação de diferentes intervenientes. Nisto é sublimado e vindicado o papel fulcral desempenhado pelo professor ou educador no processo didático-pedagógico de ensino e aprendizagem, onde se declara e estabelece que o professor é a pessoa que melhor se encontra colocada para avaliar os problemas de aprendizagem das crianças, uma vez que o professor é aquele que melhor conhece ou deverá conhecer o aluno e pelo fato de a avaliação ser parte integrante e essencial do processo educativo (Correia, 2013).

8. Descrição do caso com NEE

João de Souza Garcia é um homem com 29 anos de idade que reside apenas com a mãe porque o seu pai já é falecido. João se encontra a cursar o oitavo ano do Ensino Fundamental na unidade de ensino Joana Benedita Rangel. Contudo, a morte do pai fez-lo regredir muito a nível acadêmico.

João apresenta grandes dificuldades na escrita e na leitura, assim como na resolução de cálculos aritméticos simples que respeitam as quatro operações matemáticas. Embora seja na maioria das vezes gentil, quando se sente contrariado torna-se agressivo com as palavras. Por conta da Síndrome de Down que o acomete, João apresenta uma saúde bastante fragilizada. Em 2022, devido a uma infecção urinária, ficou o ano inteiro afastado do sistema de ensino e aprendizagem formal.

Este ano, 2023, João aparece à escola e verifica-se, com base no diagnóstico feito por uma equipe composta pela coordenação pedagógica, subdireção pedagógica, departamento de psicologia e acompanhamento acadêmico da escola, bem como o professor titular da sua turma, verificou-se que João apresenta atraso na linguagem, razão que explica a ausência da capacidade comunicativa do seu lado.

João encontra-se no nível pré-silábico e já consegue identificar as vogais com certo grau de eficiência. No que diz respeito aos números, João já consegue contar de 0 a 5, porém, com certas dificuldades em avançar de 5 a 10. Quanto a motricidade, João apresenta dificuldades na motricidade fina e ampla. A sua situação aponta para a necessidade de ser ajudado para movimentar o lápis para que consiga escrever em condições. Ainda não consegue pular corda, não tem noção de lateralidade (direita e esquerda) e não apresenta ainda orientação espaço temporal.

Considerando a sua dificuldade com a linguagem, João não consegue organizar as informações de maneira correta para expor com coerência quando é convidado a participar.

A nível de relacionamento com os outros, convém destacar que lhe carece a iniciativa comunicativa e inteligência emocional, pois que o que se vem verificando é que João é alguém de pavio curto. Quando contrariado, geralmente, recorre a palavras pouco cordiais para repelir e afrontar o contradizente.

Na escola, João realiza as atividades de ensino e aprendizagem propostas com muitas dificuldades, necessitando quase sempre da ajuda constante da mediadora.

9. Projeção do processo de treinamento

Tendo se considerado a condição didático-pedagógica e clínica de João, a equipe de acompanhamento de alunos com necessidades educativas especiais da escola viu-se obrigado a elaborar um Programa/plano Educativo Personalizado/individualizado (PEP/PEI) que permita, não só integrar o João na escola mas, inclui-lo efetivamente no processo de ensino e aprendizagem visando seu paulatino progresso cognitivo, emocional, social e de utilização controlada da motricidade tanto fina quanto ampla.

O Programa/plano Educativo Personalizado/individualizado (PEP/PEI) foi desenhado tendo como base estrutural as necessidades, interesses e aspirações do João e a participação da sua família.

Programa/plano Educativo Personalizado/individualizado (PEP/PEI)			
Dados do aluno			
O aluno: João de Souza Garcia		Idade: 29	
Escola: Joana Benedita Rangel		Nível de escolarização: 8º ano	
Turno: Manhã		Período: 3 meses	
Dados sobre o programa			
Objetivo geral	Alfabetizar o aluno.		
Objetivos específicos	Conhecer o alfabeto, dominar a combinação silábica, saber contar de 6 a 20 e resolver as operações aditivas simples.		
Metodologia	Acompanhamento personalizado e individualizado.		
Métodos	Ensino cooperativo e tutoria de pares.	Recursos	Jogos eletrônicos, manual de alfabetização, cartazes, vídeos, etc.
Temas	Subtemas	Atividades	
As vogais	Combinação vocálica	Ler Escrever Jogar Cantar	
As consoantes	Combinação silábica		
Os números de 6 a 20	Tabuada aditiva (+)		

10. Conclusão

Conforme se vê no trato cotidiano, ainda é gritante a falta de preparo dos professores e da sociedade para conseguir lidar, todos os dias, com as complexidades deste fazer didático pedagógico que diz respeito a integração e inclusão das pessoas com necessidades educativas especiais, bem como a necessidade premente de que é necessário continuar a educar a escola e a sociedade sobre os princípios da legitimidade a dignidade humana que respeita a todos (Sousa, 2013).

Conforme se pretendia neste trabalho, damos como objetivos alcançados. Uma vez que se conseguiu realizar e apresentar os conceitos referidos na introdução deste trabalho que envolvem a noção de necessidades educativas especiais, tipos e metodologias, assim como os critérios que diferenciam a integração da inclusão escolar nos nossos dias.

Em conclusão, é na Declaração de Salamanca (1994), onde podemos encontrar a síntese da epistemologia por detrás de todo este manto de conceitos que envolve a educação especial e que diz em parte:

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola (Sanches e Teodoro, 2006).

11. Referências bibliográficas

- Caiado, K. R. M. & Laplane, A. L. F. (2009). Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade – uma Análise a Partir da Visão de Gestores de um Município-Polo. Educação e Pesquisa, São Paulo, 35 (2), 303-315.
- Correia, L. M. (2013). Necessidades Educativas Especiais. Coleção Universidade – Ciências da Educação. Porto Editora.
- Garcia, R. M. C. & Michels, M. H. (2011). A Política de Educação Especial No Brasil (1991-2011): uma Análise da Produção do GT15 – Educação Especial da ANPED. Edição Especial. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, (17), 105-124.
- Gomes, N. L. (2007). Indagações sobre Currículo: Diversidade e Currículo. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília.
- López, C. R. (2009). Hacia una Ciudadanía Inclusiva ¿Un Reto a la Complejidad Educativa? Revista Educación Inclusiva, 2 (3).
- Paniagua, A. (2017). De la Diversidad a la Construcción de las Necesidades Educativas en las Aulas de Primaria. Un Análisis Interseccional desde el Caso Español. Revista Latinoamericana de Educación Inclusiva, 11 (1), 21-34.
- Sanches, I. (2005). Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da Investigação-Acção à Educação Inclusiva. Revista Lusófona de Educação, 5, 127-142.
- Sanches, I. & Teodoro, A. (2006) Da Integração à Inclusão Escolar: Cruzando Perspectivas e Conceitos. Revista Lusófona de Educação, 8, 63-83.
- Sousa, N. M.(2013). A Inclusão Escolar de Alunos com Dificuldades de Aprendizagem. Brasil.